

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
CURSO DE DANÇA-BACHARELADO

Jaqueline Donida Molossi

**(DES) ÁGUA EM NÓS: VIDEOPERFORMANCE, ARTIVISMO E  
ECOLOGIA**

Santa Maria, RS

2021

**Jaqueline Donida Molossi**

**(DES) ÁGUA EM NÓS: VIDEOPERFORMANCE, ARTIVISMO E ECOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Dança-Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Dança.**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Canoa

Coorientadora: Profa. Dra. Gisela Reis Biancalana

Santa Maria, RS

2021

**Jaqueline Donida Molossi**

**(Des) água em nós: videoperformance, ativismo e ecologia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Dança-Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Dança.**

**Aprovado em 11 de fevereiro de 2021:**

---

**Luiz Naim Haddad, Dr (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Gisela Reis Biancalana, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Coorientadora)

---

**Carlise Scalamato Duarte, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a minha mãe, Gorete Aparecida Donida, por ter me apoiado a seguir a carreira que eu sempre quis, por ter me possibilitado realizar os meus sonhos, por ter sido minha melhor amiga, por me ajudar com a escrita, nas filmagens e em basicamente tudo que eu sempre necessitei durante o trabalho.

Agradeço a minha coorientadora Professora Dr<sup>a</sup> Gisela Reis Biancalana, por me tranquilizar em todas as orientações e me ajudar a perceber meu trabalho e minha potência com outros olhos.

Agradeço ao meu grupo de amigos que se fez presente durante esse ano atípico. Em especial a minha amiga Carolini Vitter por me auxiliar nos surtos ao longo do processo, e em algumas filmagens. Ao Alexander Chagas dambros por auxiliar nas filmagens e deslocamentos necessários. Ao Maicon Slavieiro também pelas filmagens, mas muito mais por compreender minhas ideias e colocar elas em prática com programações e edições das cenas.

Agradeço a minha perseverança e minha vontade de levar a arte aliada a reflexões sobre nosso ecossistema e sociedade, pois sem isso eu teria desistido inúmeras vezes durante esse ano bem conturbado.

Agradeço as minhas colegas da disciplina de conclusão de curso, que me auxiliaram a cada momento que aparecia algum entrave, que não soltaram minha mão quando eu mais necessitei.

Agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram, me apoiaram, cada um da sua forma/maneira. Obrigada por fazerem parte da minha jornada como artista.

Agradeço ao professor orientador Luiz Naim Haddad.

## RESUMO

### **(DES) ÁGUA EM NÓS: VIDEOPERFORMANCE, ARTIVISMO E ECOLOGIA**

Autora: Jaqueline Donida Molossi  
Orientador: Luiz Naim Haddad  
Coorientadora: Gisela Reis Biancalana

Este trabalho trata de uma criação em dança, voltada para a Performance Arte, a qual tenta compreender conceitos de videoperformance, ecologia, ativismo e bricolagem. O trabalho foi realizado durante o período de pandemia da Covid19 e, por este motivo, foi desenvolvido por meio de uma videoperformance interativa, com o intuito de aproximar o público da obra. A pesquisa teve como objetivos investigar o que torna um vídeo em uma videoperformance, abordar a poluição da água e se aprofundar no meio tecnológico atual, o qual foi extremamente utilizado durante o ano de 2020. A metodologia utilizada foi a bricolagem, a qual possibilitou percorrer caminhos que se tornaram transdisciplinares. O trabalho também buscou se aprofundar no conceito ativista, abordando política de uma forma artística.

**Palavras-chave:** Vídeo performance. Ecologia. Ativismo. Bricolagem.

## **ABSTRACT**

### **(DES) WATER IN US: VIDEO PERFORMANCE, ECOLOGY AND ARTIVISM**

Author: Jaqueline Donida Molossi

Advisor: Luiz Naim Haddad

Co-advisor: Gisela Reis Biancalana

This Course Conclusion Work in Dance-Bacharelado is a creation in dance, focused on Performance Art, which tries to understand concepts of videoperformance, ecology, activism and DIY. The work was carried out during the Covid pandemic period<sup>19</sup> and for this reason interactive video performance was developed, in order to bring the public closer to the work. The research aimed to investigate what makes a video a videoperformance, address water pollution and delve into the current technological environment, which was extremely used during the year 2020. The methodology used was bricolage, which made it possible to go through paths that have become transdisciplinary. The work also sought to deepen the activist concept, approaching politics in an artistic way.

**Keywords:** Video performance. Ecology. Activism. DIY.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Acordar.....	24
Figura 2 – Lixo.....	24
Figura 3 – Redes.....	25
Figura 4 – Feira ecobag.....	26
Figura 5 – Torneira fechada.....	26
Figura 6 – Água limpa e suja.....	27
Figura 7 – Torneira aberta.....	27
Figura 8 – Torrada.....	28
Figura 9 – Água.....	29
Figura 10 – Ônibus .....	30
Figura 11 – Pesticida.....	30
Figura 12 – Sufocamento.....	31
Figura 13 – Seca.....	33
Figura 14 – Petróleo.....	33
Figura 15 – Lixo escuro.....	34

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 PERFORMANCE/ARTIVISMO</b> .....	12
<b>3 ECOLOGIA</b> .....	14
<b>4 VIDEOPERFORMANCE</b> .....	17
<b>5 PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO</b> .....	20
<b>6 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO</b> .....	23
6.1 DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS INTERNOS DE CRIAÇÃO .....	31
6.2 DESCRIÇÃO DO PROCESSO E ELABORAÇÃO, CONCEPÇÃO E EDIÇÃO DAS CENAS .....	36
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	40
<b>ANEXO A – Mapa de Escolhas</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

A Performance Arte tem sido uma manifestação recorrente no campo das Humanidades, em geral desde meados do século XX. Em parte, o encanto com essa forma de fazer arte acontece, especialmente, tanto por seu caráter desafiador de estéticas enrijecidas quanto por sua aproximação frequente com questões socioculturais e de cunho político. Aqui, o Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Dança, da Universidade Federal de Santa Maria, que se apresenta, busca assumir o caráter engajado da Performance Arte, ao atuar no limiar entre arte e ativismo político.

Nesse contexto, o debate sociocultural apontado é a ecologia e sua necessidade urgente de mudança de hábitos no planeta. Não se trata de pensar apenas na ingênua educação daqueles que não têm conhecimento sobre os possíveis e talvez irreversíveis danos à vida, até porque muitos daqueles que promovem tais danos têm consciência daquilo que fazem, mas colocam o capital acima de outros valores. Trata-se de pensar, inclusive, nos atravessamentos de outros níveis de discussão tais como: o desenvolvimento tecnológico, a globalização, o capitalismo, bem como as históricas relações de poder transitórias no mundo contemporâneo, entre outros fatores que afetam os comportamentos em relação ao ambiente e, conseqüentemente, impactam a vida.

Diante disso, este trabalho tem o objetivo de realizar uma criação em dança, por meio da elaboração de uma videoperformance pautada em questões político-ecológicas a fim de proporcionar reflexões sobre o meio ambiente em colapso. Desse modo, foi necessário delimitar um recorte no foco, uma vez que são muitos os desafios ambientais que merecem dedicação. Trata-se, aqui, de uma proposta sob a regência de pesquisas sobre a degradação da natureza pelas poluições das águas. Para tal, foram desenvolvidas leituras sobre Performance Arte como manifestação artística escolhida em suas aproximações com questões políticas na forma de ativismo; sobre as questões ecológicas em foco; e, finalmente, sobre a criação da videoperformance dado o período de isolamento social causado pelo Coronavírus19. Tal desenvolvimento foi realizado com base na metodologia da bricolagem.

O trabalho está alicerçado por referenciais teóricos que dizem respeito à Performance Arte, principalmente autores como Glusberg (2005), Melim (2008), entre outros. No que se refere à ecologia, são estudados os autores como Guattari (1990),

Cardoso (2010), Dutra (2010). Para as questões relativas à pesquisa sobre ativismo e política, foram estudados, especialmente, Bordin (2015) e Chaia (2007). No que se refere à videoperformance, o trabalho baseou-se em Neves (2013) e Codevilla (2011).

A primeira justificativa para realização deste trabalho reside na escolha pela arte contemporânea. As transformações, reivindicações, expansão, transversalização das abordagens artísticas que vem ocorrendo desde meados do século XX esbarram, entre tantas novas proposições em trânsito, na Performance Arte. A Performance é entendida, aqui, enquanto ação do corpo em estado de arte, local onde muitas das recentes reivindicações da arte encontram amparo para refletir sobre seu *modus operandi*. O corpo em estado de arte, com sua presença física ou mediada instaura a arte pela potência da presença. A presença do corpo-arte provoca processos de identificação ao colocar-se como a própria arte, desmaterializada, corporificada contribuindo com a aproximação, cada vez mais requisitada, do distanciamento entre arte e vida.

Em segundo lugar, outra justificativa que sustenta a execução deste projeto está no foco debruçado sobre as relações que os seres humanos têm com a natureza, seus modos de trata-la e como isso vem afetando a vida no planeta Terra. A partir do século XX até os dias atuais, entre tantas outras formas de denúncia sociocultural no campo das artes, a Performance, em meio a suas várias proposições transversais, situa-se, também e não apenas, como um lugar de insurgências diversas, de discussão e debate. Por esse motivo, encontra-se, na Performance Arte, um dos lugares em que a arte, as ações socioculturais e políticas se fundem. Assim, a escolha da Performance vem ao encontro das inquietações deste projeto de criação em arte situando-a, neste caso, como espaço-tempo do debate sobre questões ecológicas beirando uma atitude que vem sendo denominada de ativismo.

A derradeira justificativa para realização deste projeto recai sobre a escolha do trabalho com a videoperformance. A pandemia do Coronavírus19 arrebatou o mundo com a necessidade de uma série de mudanças do ser estar no mundo. Acredita-se, no momento, que a situação possa ser uma questão circunstancial em curso devido ao isolamento social. Portanto, dado o contexto, o projeto inicial foi adaptado para a realização da videoperformance que pretendeu contribuir, ainda, com a utilização de recursos tecnológicos já existentes, mas menos explorados que a Performance presencial.

Nesse sentido, o referente trabalho teve como objetivo principal articular em uma videoperformance as questões político-ecológicas latentes no mundo contemporâneo com foco no Brasil, na poluição das águas. Para isso, foi necessário desenvolver estudos específicos sobre Performance Arte e videoperformance, espaço em que são abordadas questões ecológicas trazendo uma reflexão crítica sobre como a sociedade impacta na poluição ambiental, usando da relação de arte e ativismo para trazer o conceito de ativismo.

Durante o processo, foram realizados ateliês como procedimentos criadores em performance, para que, dali, surgissem cenas a serem captadas para, então, conceber a videoperformance. Posteriormente, foi realizado um relato da experiência corporal, cenográfica e de edição, processo o qual pe relatado neste trabalho de conclusão de curso.

A elaboração deste trabalho de criação em videoperformance necessitou de aportes teóricos que sustentassem o impulso artístico-reflexivo. Logo, foi fundamental estudar a Performance Arte em suas incursões artivistas; a ecologia voltada para as ações humanas como a poluição das águas; assim como as tecnologias de vídeo e edição de imagens. Tais saberes auxiliaram a criação e a investigação da ação performativa que estimularam a criação da videoperformance.

## 2 PERFORMANCE/ARTIVISMO

No campo das artes, as tantas reflexões em curso acolhem a desmaterialização do objeto, o espaço instituído, as autorias, as possibilidades advindas do desenvolvimento tecnológico, as transversalidades e diálogos interdisciplinares, enfim, há um grande leque de discussões sobre o rumo da arte nos dias atuais. Entre tantas questões operantes, está o tênue limiar entre arte e política.

Absorver algumas destas questões ao trabalhar o corpo como instaurador da arte, conseqüentemente, as reflexões sobre as aproximações entre arte e vida e o diálogo transdisciplinar com questões de cunho sociocultural e político são perspectivas fundantes deste projeto de criação em videoperformance. O entendimento da Performance em sua amplitude de abordagens, sua inclinação política e o recorte ativista fundamentado no conceito de artivismos são importantes para construir o arcabouço teórico-prático do percurso criador.

A tentativa de realizar mudanças internas, pessoais, individuais nos modos de ser-estar-pensar-agir-sentir no mundo não é um processo fácil. Essa mudança é necessária para, posteriormente, ser possível incitar transformações no mundo exterior e em grupos sociais diversos. O segundo nível de mudança para além de si, para o mundo, é mais complexo e profundo do que possa parecer. Muitas pessoas tendem a sustentar certa resistência às mudanças, principalmente as quais não parecem ter um impacto imediato ou que possam trazer algum retorno a elas. Sendo assim, as ações performáticas de cunho político podem contribuir para chacoalhar os modos cristalizados de agir no mundo. Ao provocar o cotidiano, as ações performáticas ativistas acionam perspectivas que atentam para olhares expandidos, diversificados e reflexivos buscando incitar o pensamento crítico sobre a inércia comportamental. O impacto gerado, muitas vezes, nas pessoas é justamente porque, conforme Glusberg (2005, p. 72), “as performances realizam uma crítica às situações de vida”.

É frequente ver pessoas acomodadas, se escondendo da realidade, fingindo que alguns problemas não dizem respeito a elas, ou que elas não têm como mudar suas atitudes por vários motivos. Trazer as ações performativas engajadas para o público, muitas vezes, é como proporcionar um choque de realidade. Pela via do ativismo, o público se depara com realidades escancaradas, às vezes metaforizadas, outras pelo uso de elementos simbólicos em releituras bizarras que possam promover

a desnaturalização de entendimentos de mundo. As ações performativas, especialmente aquelas que instauram a presença física do corpo em estado de arte são intensas. Isso acontece devido à identificação com o corpo do outro semelhante, simultânea ao estranhamento da ação. Ali, o público é obrigado a pensar sobre o que presenciou, nem que seja só passando pelo local, seja discordando do que é feito ali, de algum modo é possível que a ação extra cotidiana fique ressoando internamente.

Estas referências ajudam a compreender o papel que a arte engajada tem na luta social e compreender que desistir não é uma opção. A arte pode chegar a lugares inimagináveis pelo seu viés poético de acesso ao sensível e, assim, fornece maneiras diferentes de escancarar realidades diversas. Cardoso (2010, p. 33) sustenta que “a arte como uma atividade que procura explorar e refletir sobre a realidade pode ser de grande interesse ao conceito de desenvolvimento sustentável”. Em suma, a partir dela, pode-se trabalhar a informação de maneiras diferentes fazendo, assim, com que seja mais uma oportunidade para dar visibilidade às necessidades do cuidado ecológico.

### 3 ECOLOGIA

Atualmente, diversos grupos humanos parecem não se preocupar muito com as consequências de suas ações na natureza, em especial aqueles assolados pela ânsia capitalista. Isso impacta diretamente o meio ambiente. A tentação dos confortos e a vontade de consumir despreocupadamente geram cada vez mais impactos negativos na natureza. Por consequência, se torna cada vez mais difícil de se reverter os danos já causados gerando dificuldades na continuidade da vida na Terra. Como artista do corpo, os estudos sobre ecologia e meio ambiente fornecem as bases para um trabalho de criação em Performance que pretende denunciar a exploração, desperdício, desprezo para com os recursos naturais do planeta sem medir as suas consequências.

Dutra (2010) aponta que é “preciso encarar a questão ecológica como algo além da militância em prol da conservação do meio ambiente, mas também sob uma perspectiva cultural, identitária e, sobretudo, humana” (p. 45-46). Se uma atitude impacta na outra, deve-se pensar que as relações dentro das sociedades diversas vão gerar impacto na natureza. Assim, é preciso ativar a sensibilidade de olhar ao redor e perceber que o mundo é composto por seres vivos, organismos que não vivem sozinhos e que cada um é parte de um todo formado por engrenagens ecossistêmicas que necessitam de condições mínimas para a sobrevivência. Isso não se resume a cuidar do meio ambiente, mas de cuidar as relações humanas. Identificar a importância de cada ser mudar suas atitudes antes de ter a intenção de levar a possibilidade de mudança para uma terceira pessoa é essencial, pois como pode alguém encorajar, estimular e propagar uma ideia, se quem o faz não é coerente com suas palavras? Além disso, perceber as relações de poder nas sociedades e o que as pessoas fazem com elas é fundamental para compreender os mecanismos que as impulsionam à degradação da natureza em detrimento de sua preservação. A busca pelo lucro e o enriquecimento às custas das populações mais pobres vem depauperando recursos naturais sem escrúpulos.

Para atingir pessoas e incentivá-las a reagir, a videoperformance desenvolvida neste trabalho conclama a arte como meio de acionar processos de conscientização, pois a arte tem infinitas possibilidades de tocar e sensibilizar pessoas que se fazem público. A vontade de lutar por um lugar melhor, aliada à arte, revela a diferença entre um artista e um ativista. Bordin (2015) explica que a ação política ativista feita

artisticamente “começa a partir da sua própria mudança enquanto ser humano, optar pela arte para realiza-las é o diferencial do artista” (p.133). Chaia (2007), por sua vez, diz que o “artista ativista se situa no interior de uma relação social, isto é, engendra uma esfera relacional fundada no desejo de luta” (p.10). Então, o performer ativista circunscreve suas ações artísticas no contexto de uma conscientização daqueles que tiverem acesso a sua obra. Sendo assim, o intuito dessa ação é de uma luta constante pela percepção da realidade, pela mudança, por um lugar melhor de existência humana e dos ecossistemas que as compõe.

A preservação da natureza deveria fazer parte do cotidiano, entretanto não é o que ocorre, há mais pessoas despreocupadas do que conscientizadas sobre a importância da preservação dos ecossistemas. É necessário que o mundo reflita mais sobre suas atitudes. O planeta urge por mudanças comportamentais, portanto, a videoperformance em processo de criação pretende estimular uma reflexão naqueles que tiverem acesso a ela. Considera-se, então, que abordar a mudança nas atitudes humanas com relação a degradação da natureza é um dos fatores que motiva a realização dessa ação performativa, sensibiliza e desloca o lugar de conforto do público atingido. Isso proporciona a reflexão das próprias atitudes enquanto proponente do trabalho, e propõe a reflexão à outras pessoas sobre o mesmo assunto. Toda atitude tomada, por mais que pequena, tem um papel fundamental e um impacto significativo, seja positiva ou negativamente na natureza.

Outro ponto relevante, sobre o processo interno da artista durante a concepção das cenas e os ateliês de criação foi a mudança de hábitos alimentares, tornando-se ovo-vegetariana por acreditar que suas atitudes devem absorver mudanças significativas, paralelas à proposta de reflexão que intenciona promover ao espectador da videoperformance, acreditando assim, na coerência e equilíbrio entre as escolhas e os impactos aos ecossistemas.

Peroni e Hernández (2011) falam sobre a importância de um equilíbrio entre sociedade e ecossistema quando dizem que na

natureza, os indivíduos e as populações de espécies não sobrevivem isoladamente. Eles são sempre parte de grupos de populações de espécies diferentes que ocorrem juntas no espaço e no tempo e que estão conectados uns aos outros por suas relações ecológicas, formando um complexo chamado de comunidade (p.16).

Nas sociedades contemporâneas, uma generosa porção das existências comunitárias se complexificaram e se encontram, em grande parte, rendidas ao sistema capitalista, que oferece opções mais rápidas e de fácil acesso. Desse modo, elas não têm interesse em incentivar a preservação do ambiente à medida que essa atitude pode prejudicar o giro do capital globalizado.

A partir desta análise, observamos que é essencial o equilíbrio entre as atitudes da espécie humana com as necessidades dos ecossistemas. Ambos deveriam viver bem e, ainda, se regenerar de abusos ecológicos sofridos até então. O começo da mudança é pela maneira de pensar sobre o assunto, com um olhar comprometido, o de não deixar para que o próximo tenha a responsabilidade da preservação do meio ambiente, convencendo-se de que as próprias atitudes possuem muita influência sobre o futuro do planeta. A reflexão interna e os hábitos dentro de casa podem ser um começo para a transformação da realidade onde o indivíduo encontra-se inserido.

A partir dessa percepção de realidade social, Guattari (1990) aborda a ecologia a partir de três pontos de contato que são a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental. As três devem estar conversando entre si para que se possa, talvez, sair ou mesmo minimizar a atual crise ecológica. Em sua teia crítico-reflexiva, ele afirma que

se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: o do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres (p.16-17).

O recorte escolhido para o desenvolvimento da poética em videoperformance na abrangente gama de possíveis incursões ecológicas é a poluição das águas. Este elemento forma uma conexão existencial entre os seres vivos e os ambientes, por isso, é de extrema importância social e ecossistêmica reforçando a necessidade de abordagem crítica sobre seus usos. Através da Arte é possível alcançar algumas pessoas e promover a reflexão sobre as atitudes diante de algo tão fundamental para a sobrevivência que é a vida na natureza.

## 4 VIDEOPERFORMANCE

O interesse voltado para a Performance Arte esbarrou nas possibilidades de criação em vídeo diante dos desafios propostos pelo isolamento social causado pelo Coronavírus19. Antes de entender a videoperformance, foram necessárias algumas leituras e estudos sobre as suas origens e tentar compreender as possibilidades de filmagem e edições. Sendo assim, Capelatto e Mesquita (2014) asseguram que o vídeo

(...) é criado em um processo constituído pelo momento presente da captura, mas também por momentos posteriores de refinamento (edição de imagens), resultando em um produto final de caráter permanente, que pode ser visto e revisto diversas vezes, em diferentes situações de Tempo e Espaço, sem a necessidade da presença física de seus primeiros agentes criadores. (CAPELATTO; MESQUITA, 2014, p. 13).

Passa-se, então, do vídeo para a vídeo arte que engloba vários subtipos como:

vídeo-instalação, vídeo-interação, vídeo-performance, vídeo-dança, videotexto, videoclipe, vídeos criados a partir de computação (gráfica e organizacional da imagem), documentários cuja sintaxe supere a narrativa, enfim, tudo que fuja da convencional televisão, documentação e jornalismo (SOUZA, 1994, p. 41).

As fronteiras que delimitam o espaço de um e outro são quase sempre enevoadas, por isso é importante ter claro o que se quer realizar, pois o intuito do artista nessa névoa é o que ajuda a delimitar esse espaço. Souza (1994) ainda afirma que “não basta ser uma performance com vídeo para se caracterizar a videoperformance” (p.42). O registro de uma performance presencial não é uma videoperformance. Esta última é elaborada para o vídeo, não se trata de registro daquilo que foi.

As Performances em vídeos surgiram primeiro como forma de registro de presença e se transformaram em uma produção da ação performática específica para os objetos tecnológicos. A ação performática para/com o público é uma performance que pode ser filmada e fotografada como um registro de que existiu, para contribuir futuramente com estudos e pesquisas. Entretanto, uma videoperformance terá as ações performáticas como se fossem imagens capturadas feitas para uma câmera. Posteriormente as edições das imagens capturadas farão as mixagens com outros elementos disponibilizados pelos dispositivos tecnológicos de acordo com as escolhas

do artista. Nesse sentido, Melim (2008, p. 49) defende que uma “das características presentes tanto nesses vídeos quanto nas fotografias é o aspecto performativo que eles engendram, através das ações empreendidas pelo artista diante da câmera, instaurando seu próprio corpo como matéria artística”.

Além dessa especificidade, o que torna a ação performática em videoperformance é o intuito do artista. Segundo Neves (2013, p. 51), é nesse “processo que se instaura a videoperformance, a ação performática requer necessariamente o vídeo para a sua existência estético-técnica. Se a performance que a configura pode vir a acontecer sem o vídeo, este trabalho não pode ser caracterizado com videoperformance”.

Além do processo corporal do performer capturado em imagens, a criação da videoperformance está, de fato, na edição do material das ações performáticas. Para Codevilla (2011, p.23), em relação aos procedimentos da videoperformance, “basta observar que a maior parte do processo é feito digitalmente por meio de algum dos numerosos softwares de edição de imagens” .

Sob este contexto, além da captura das imagens, as edições e modificações nas cenas, essa videoperformance terá um ponto chave de sua performatividade, pois estará disponível a interação do espectador com a obra. O trabalho baseou-se em uma plataforma de streaming que produz séries e filmes com esse tipo de interatividade, o diferente nesse trabalho foi o tipo de programação utilizada, que será abordado mais adiante. Esse tipo de interação surge sempre de duas escolhas que o espectador pode optar, cada uma delas leva a um lugar diferente, essas duas opções vão gerar mais duas opções cada uma que resultará em quatro cenas diferentes, cada uma das quatro com mais duas opções de escolhas e assim por diante.

Com esse embasamento, o trabalho reúne os pontos desenvolvidos acima para elaborar a videoperformance de modo que ela possa ser acessada virtualmente. Outro ponto fundamental de uma videoperformance é sua possibilidade de disponibilizá-la em sites e/ou redes sociais. Assim, a denúncia do descaso sociocultural enraizado pode multiplicar-se pelos acessos expandidos, aonde a arte reforça o compromisso com a vida e com os ecossistemas podendo ampliar-se pela abordagem ativista das ações humanas que agravam a destruição ou a possível incapacidade de sobrevivência humana e de várias outras espécies neste planeta.

A proponente desta pesquisa tem consciência de que muitas pessoas não tem estruturas básicas dentro e fora de casa, não tem saneamento básico, água potável,

alimento, vestimentas, entre outras coisas. Então, falar em videoperformance não é um meio artístico que proporciona o acesso da arte de forma justa e igual, já que em muitas residências do Brasil não há acesso à tecnologia, então mais do que nunca, quem tem mais possibilidades de acesso deve refletir sobre suas atitudes para com o meio ambiente para que elas possam ser multiplicadoras de ações que possam reverter os incontáveis processos de degradação ambiental em curso. Percebendo que há uma hierarquia econômica e que esta traz facilidade para os que tem mais recursos, a artista assume para si que, quanto mais alto se está nessa hierarquia social, mais responsabilidade com o meio ambiente deve se ter,. No entanto isso não significa que realizar pequenas atitudes no cotidiano não causem impacto positivo no meios ambiente. As performances artistas, nesse contexto, podem contribuir com a propagação de uma consciência mais apurada dos desafios que se apresentam no sentido de cuidar da vida no planeta.

## 5 PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO

O trabalho, como já mencionado, visa desenvolver uma produção artística em videoperformance própria da proponente como performer e editora de imagens. Sendo assim, os procedimentos da criação foram, além do levantamento e estudos dos autores abordados acima, os laboratórios corporais de criação em ateliês e a articulação de imagens que serão descritos neste capítulo.

A escolha metodológica utilizada foi a bricolagem, que tem um viés interdisciplinar, possibilitando o agrupamento de vários saberes em um único trabalho. A bricolagem abre caminho para uma organização do trabalho diferenciada. Na imaginação da artista, por exemplo, surge uma ideia inicial do trabalho que tem um foco, um lugar onde se pretende alcançar que seria o videoperformance baseado em questões ecológicas, em especial, com o olhar voltado para os problemas que envolvem a água. Porém, segundo Nunes (2014, p. 30-41) pelos pressupostos desenvolvidos pela metodologia da bricolagem, as escolhas tomadas pelo bricoleur durante esse caminho são incertas, se modificam conforme as necessidades que o trabalho vai solicitando, até por que se trata de algo vivo, em movimento e não estático, possibilitando que interferências aconteçam.

Essa metodologia se caracteriza por um “arranjo de elementos heterogêneos, a princípio díspares, que podem ser encontrados ao acaso, construindo algo novo é uma estratégia de bricolagem” (AVERSA, 2011 p.1046). Isso que a torna interdisciplinar, poder trabalhar com questões de dança, de performance, tecnologia, ecologia e ativismo. Este procedimento de criação busca unir essas áreas para a concepção de uma videoperformance.

Aversa defende que:

podemos dizer que o *bricoleur* é aquele que começa (uma obra, uma pesquisa) contando com o acaso e com os recursos que possuem, sem projetos pré-definidos e fechados. Inventa as maneiras de fazer, a partir de materiais colhidos ou achados e os dispõem conforme a sua necessidade expressiva e com liberdade de criação. (AVERSA, p.1047).

O *bricoleur* acolhe, durante o processo, as interversões que nele acontecem, sejam elas quais forem. Aqui o processo de abraçar o trabalho começou, antes de tudo, em aceitar que, realizar uma performance presencial no meio de uma pandemia não seria coerente nem correto comigo nem com o (s) outro (s) envolvidos (s).

Deparamo-nos, então, com a possibilidade de trabalhar usando os aportes tecnológicos disponíveis. Depois da entrada dos dispositivos tecnológicos como recurso e como ferramenta e, chegamos à conclusão de que também seria o produto final. Assim, muitas movimentações e partituras criadas em ateliê eram transformadas em cena para vídeo, misturando-se com os acontecimentos de cada momento do processo, assim como da escrita. São esses acontecimentos que fazem a obra ser o que é. Nunes destaca que:

por outro lado, convém retomar uma questão: embora não estejamos falando de um planejamento fechado é importante levarmos em conta a necessidade de algum tipo de organização ou de planejamento prévio, ainda que seja concebido como ensaio e trabalhado desde uma postura de flexibilidade. (NUNES, 2014, p.33).

Sendo assim, as interferências durante o processo e outros acontecimentos são importantes, no entanto ter um planejamento foi importante para saber de onde estamos começando o trabalho e onde queremos chegar. A autora supracitada também fala sobre “a necessidade de um pesquisador que se mantenha aberto, flexível e perceba que, em certos momentos, suas iniciativas de pesquisa devem ser repensadas, revistas, adaptadas.” (NUNES, 2014, p.33).

Os procedimentos de criação tiveram como etapa inicial as leituras de estudos prévios e bibliografias da área, as quais foram apontadas no trabalho. O levantamento de autores auxiliou a encontrar referências para fundamentar a criação e aprimorar a escrita. Quase simultaneamente às leituras, o momento seguinte foi desenvolvido com a realização dos procedimentos de criação individualmente em ateliês. Os laboratórios de criação são espaços experimentais para encontrar caminhos e maneiras de abordar o assunto corporalmente. Estes eram realizados dentro da residência da artista em seu quarto. Posteriormente, foi captada as imagens performáticas por meio de dispositivos tecnológicos, aqui foram utilizados um celular Redmi Note 8, android com 48megapixels, e uma câmera Nikon semi profissional coolpix P510 com 16 megapixels. Este momento inicia o processo de articulação das imagens captadas para a montagem de uma videoperformance, explorando a edição do material levantado. O programa utilizado para as edições foi o Adobe Premiere Pro e o editor é desenvolvedor de software, com foco em desenvolvimento web. As escolhas para o jogo interativo se formaram em uma programação feita no computador, é amalgamado todos os vídeos curtos em um único vídeo, nesse vídeo longo é adicionado a

programação e carregada para o site. Na programação se estabelece onde irá começar a interação, ou seja, a opção das escolhas, dependendo de que escolha for tomada, a programação pula para um determinado trecho do vídeo, tornando possível uma linearidade de roteiro que parte de uma das escolhas do espectador. Caso o espectador opte por não interagir com a obra, foi programada uma linha de sequência dos vídeos, então se não houver a interação o vídeo fará sempre o mesmo percurso.

Sendo assim, o trabalho de criação em arte intenta dialogar com aspectos ecológicos de forma ativista visando contribuir com a preservação do planeta ao gerar algum possível impacto no público que acessá-lo.

## 6 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

A descrição do processo criador em questão está imbricada ao material concebido. Portanto, acreditamos que o acesso à videoperformance é parte fundamental na complementação deste trabalho e seja assistida antes da leitura das descrições, pois elas podem interferir na maneira de ver as cenas e as escolhas realizadas pela artista. Caso haja o interesse em visualizar as escolhas da videoperformance, em anexo A encontra-se um cronograma que se inicia no balão vermelho, ramificando-se sempre em duas opções, os balões pretos são os finais, totalizando 21 finais diferentes. Outra maneira de percorrer pela videoperformance é pelas indicações a seguir, sendo “D” direita e “E” esquerda, e referem-se as escolhas a partir de lados:

- E-E-E-E-E- Água.
- E-E-E-E-D- Vegetação macro.
- E-E-E-D-E- Pesticida
- E-E-E-D-D- Vegetação lixo.
- E-E-D-E-E- Redes boca.
- E-E-D-E-D- Redes.
- E-E-D-D-E- Cachoeira.
- E-E-D-D-D- Correnteza.
- E-D-E-E- Rebobinar.
- E-D-E-D- Lixo flutuando.
- E-D-D-E- Mãos árvore.
- E-D-D-D- Vegetação.
- D-E-Seca.
- D-D-D-D-D- Sufocar
- D-D-D-D-E- Petróleo.
- D-D-D-E-D- Água limpa e suja.
- D-D-D-E-E- Lixo.
- D-D-E-D-D- Lixo escuro.
- D-D-E-D-E- Lixo e redes.
- D-D-E-E-E- Lama.
- D-D-E-E-D- Corante.

Perceber o quanto somos responsáveis para com o meio ambiente fez com que aflorasse na artista o desejo de não ficar estática e esperar pela mudança. No momento de elaborar o projeto do Trabalho de Conclusão de Curso e descobrir sobre o que seria, não houveram dúvidas que deveria ter esse cunho ecológico pois, nesse momento é algo que mais aflige a vida da artista.

O processo de criação teve seu início no momento em que foi escolhido trazer questões do meio ambiente e abordar a ecologia em um trabalho de dança, utilizando da Performance Arte como meio de colocar em ação a ideia. Com a pandemia, surgiu a necessidade de adaptar o projeto para o trabalho com videoperformance. Sendo assim, a artista sentiu necessidade de buscar algum tipo de aproximação com as pessoas que terão acesso ao trabalho. Tal intenção surge com o intuito de ser um vídeo que permita com que o público, o qual é diverso pois será lançada em redes sociais e qualquer pessoa terá acesso a obra, não fique estático assistindo, ou seja, que não fosse um trabalho contemplativo, mas que ele consiga se envolver ativamente na apresentação. Por isso, foi escolhida para ser elaborada uma forma interativa nessa videoperformance.

Dessa forma, cada cena foi elaborada pensando em um tipo de poluição da água ou consequências das poluições. As cenas iniciais com movimentações rotineiras foram elaboradas não só para gerar uma aproximação com o público, mas também porque as consequências dos atos humanos, como poluições, tornam o futuro um lugar incerto. Lugar este onde não se sabe como será o dia a dia das pessoas. Então, cenas como acordar e ir escovar os dentes ou tomar um café da manhã com alimentos saudáveis, podem não ser corriqueiras no futuro. Isso se dará pelas atitudes que são tomadas hoje e pelas decisões para ajudar o ecossistema.

Figura 1- Acordar.



As ideias de cada *take* de filmagem foram surgindo aos poucos, dando tempo para que fossem bem estruturadas. Isso aconteceu, por exemplo, nas cenas que envolvem o lixo, em que foi necessário mais de cinco semanas para acumular toda a quantidade de material reciclável, proveniente dos consumos gerados na casa da artista. Esses materiais foram escolhidos e separados especificamente para serem utilizados com água, e que, ao final das filmagens, eles pudessem ser destinados corretamente, não interferindo no processo de sua reciclagem.

Figura 2- Lixo.



A intenção das cenas com o lixo era de ter uma quantidade bem superior, para conseguir encher a piscina utilizada, no entanto, algumas embalagens que eram consumidas e poderiam ir para as filmagens foram descartadas por não ser possível realizar a devida higienização para que elas fossem armazenadas dentro de casa, pois assim, acarretaria em atrair roedores e insetos para a residência durante o

período de armazenamento, tornando o ambiente insalubre. Durante esta parte do processo, reflito sobre a quantidade de lixo que chega aos lixões e/ou pavilhões de reciclagem sem serem lavadas e devidamente separadas, dificultando o processo de reaproveitamento.

As filmagens na piscina foram as primeiras a serem feitas, o intuito era só utilizar as filmagens desse dia, porém quando observado o conteúdo, percebeu-se a necessidade de várias outras para dar conta do total de poluições que a artista queria abordar. No total, foram seis dias de gravações diferentes para conseguir dar conta do roteiro planejado. Toda vez que era filmado alguma das cenas, a artista avaliava juntamente com seu roteiro e anotava as lacunas que deveriam ser preenchidas em outro dia de gravação.

As redes que aparecem são aquelas utilizadas para armazenar frutas vendidas em feiras e em carros que passam nos bairros do município de Erechim/RS vendendo hortifrúteis, esses lugares ainda não modificaram a maneira como oferecem o produto para seus clientes, ao invés de colocar em redes ou em sacolas, poderiam disponibilizar em caixotes e os consumidores levariam suas próprias sacolas para evitar o consumo desses plásticos.

Figura 3- Redes.



Esses materiais, demoram um tempo para se decompor. Porém, quando o descarte é inadequado, ainda produzem mais malefícios para os animais que entram em contato com esse material, como a ingestão desse lixo e a aderência deles em locais do corpo dos animais. Tal situação impede e ou, até mesmo, dificulta a locomoção, a alimentação ou a respiração, acarretando na morte desses seres.

Cada escolha feita no cotidiano de cada ser humano resulta em impactos no meio ambiente. Observando isso, reavaliar as escolhas pode ser um passo determinante para o futuro do ecossistema. Abaixo são listadas algumas ações que geram esse impacto:

- ir na feira ou no mercado com sua própria sacola reutilizável, ou pegar uma sacola plástica para embalar os produtos, faz uma diferença quando somada a quantidade de vezes que necessitamos ir a esses lugares;

Figura 4- Feira com ecobag.



- deixar a torneira aberta na hora de escovar os dentes;

Figura 5- Torneira fechada.



- lavar o rosto é algo comum, o que varia são os produtos escolhidos nessa higiene. Existem sabonetes, cremes esfoliantes que contêm microesferas de plásticos que não se dissolvem na água, após enxágue do produto, ele segue junto com a água, chegando nos rios, mares e oceanos. Quando chegam a esses lugares, os animais percebem essas microesferas

confundindo-as com comida, ingerem o produto – que fica armazenado em seu estômago – os levando à morte (isso também ocorre com micro plásticos, mas nestes, a origem é diferente);

Figura 6- Água limpa e suja.



- tomar banho, por exemplo, com um chuveiro elétrico e demorando 15 minutos, gasta-se em média 45 litros de água, porém se o banho fosse reduzido para 5 minutos, os gastos seriam aproximadamente 15 litros, o que somados em 365 dias em um ano faz uma diferença de 10.950 litros de água.

Figura 7- Torneira aberta.



Considerando esse contexto, durante o processo de concepção e filmagem da obra, a artista optou pela retirada de todos os tipos de carne de seu cardápio, já que

um quilo de carne bovina necessita de aproximadamente 15.000 litros de água em todo seu processo de preparo. A proponente julga que somente alertar sobre nossos abusos para com o planeta não é eficaz para fornecer uma melhora, mas sim transformar as palavras em atitudes, pensando que as necessidades humanas deveriam estar em harmonia com as necessidades da fauna e da flora.

Figura 8- Torrada.



Nesta figura a torrada remete ao consumo de carne.

Dentre as atitudes cotidianas que aparecem na videoperformance, existem outras atitudes não listadas que podem colaborar para o desperdício de água limpa, como lavar automóveis e calçadas com mangueiras, deixar a torneira ligada ou pingando sem necessidade, limitar o uso da máquina de lavar, acumulando as roupas para a lavagem, ensaboando a louça de uma única vez para depois enxaguá-la. Além disso, é possível reaproveitar a água utilizada na máquina de lavar roupa para descargas do vaso sanitário (existem válvulas com sistemas duplos para evitar desperdícios), lavagem de calçadas e automóveis, assim como organizar um mecanismo para captação da água da chuva.

Quando se pensa sobre o fato de que o saneamento básico e água potável não é uma condição de grande parte de brasileiros e de brasileiras, pedir para que “economizem” água ou que façam um sistema para captação da água da chuva é bem contraditório. Nesses casos, é ainda mais fundamental que aqueles que podem façam a sua parte, um trabalho minucioso que, no final de um dia ou um ano, possa gerar mudanças no ecossistema, para que, no futuro, todos possam ter água potável.

Figura 9- Água.



É comum existir um pensamento de que, para gerar mudanças significativas no meio, as atitudes deveriam ser de grandes dimensões. Porém, a maneira mais eficiente de efetivar uma mudança parte da transformação interna que, posteriormente, se mostra em pequenas atitudes, essas pequenas mudanças, quando agrupadas um dia após o outro, fazem uma diferença no mundo.

Pensando nisso, a escolha das filmagens no morro próximo a residência da artista ocorreu a fim de evidenciar o quanto cada escolha está interligada com a natureza, o processo de fabricação/montagem/transporte de cada veículo de locomoção utiliza uma grande quantidade de recursos hídricos que poderiam estar sendo preservados. Além disso, a matéria-prima que é feita os veículos e as que são necessárias para o seu funcionamento são retiradas do solo, e não há como saber se as empresas responsáveis realizam esses processos de forma sustentável e adequada, gerando, muitas vezes, dejetos das minerações que entram em contato com a água, deixando-a imprópria para consumo<sup>1</sup>. Sendo assim, a escolha pelo meio de locomoção também impacta na poluição das águas, algumas de forma menos prejudiciais que outras.

Figura 10- Ônibus.

---

<sup>1</sup> O consumo que me refiro aqui é não somente como água potável, mas para a sobrevivência do ecossistema que entra em contato com essa água, como animais e vegetações.



As cenas feitas na plantação de milho vêm para alertar o quanto muitas pessoas não se preocupam com o que estão ingerindo, sendo que as plantações com inúmeros agrotóxicos e pesticidas impregnam na terra e impactam as águas. A mesma água que pode vir a ser utilizada para regar plantações nas quais não são usados agrotóxicos, assim, acaba chegando à mesa da população, como também interfere no solo e nos animais que dependem dessa água contaminada para sobreviver. Por fim, esse fenômeno ainda impacta na contaminação dos lençóis freáticos, os quais contêm a água para as gerações futuras.

Figura 11- Pesticida.



## 6.1 DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS INTERNOS DE CRIAÇÃO

Os processos criativos em ateliês para cada cena foram separados, mas com a mesma estrutura. A artista investigou sobre os variados tipos de poluições da água, o que causam, como causam e, disso, retirou palavras que considerava importante para cada uma das cenas, acrescentou também palavras referentes à sociedade e ao

capitalismo que estimula o consumo exagerado e despreocupado. Com essas palavras, misturadas em ordem aleatória, no ateliê em sua casa, começou a investigar movimentações que trouxessem o tema à tona.

Esse processo foi utilizado para a concepção de todas as cenas da videoperformance. Porém, as cenas tinham sempre algum elemento extra, o qual não se encontrava no momento do ateliê como areia, água, terra, lixo, redes ou a própria vegetação – e, na maioria dos casos, questões climáticas, pois as cenas foram em sua maioria, gravadas fora de casa.

Os elementos citados construíram, junto ao processo criativo de ateliê, uma nova performance, então além de compor e transformar a cena, eles interferiram no que havia sido criado pela artista, isso gerou instabilidade durante o processo de filmagem das cenas. Além disso, muitas movimentações, ângulos e locais foram pensados para que, no momento de edição, a artista conseguisse transformar a cena com efeitos específicos para tornar-se o que foi imaginado. No entanto, no momento de edição, identificou-se que não haveria tempo hábil de realizar tais efeitos, além de que eles só estariam disponíveis em aplicativos os quais não se tinha acesso. Sendo assim, no momento da edição, foram resignificadas aquelas cenas para outro nicho de poluição para as filmagens desejadas não serem perdidas, como o caso da imagem a seguir.

Figura 12- Sufocamento



O processo de gravar a si mesmo é algo novo e incomum para a performer que foi pega de repente, como todo mundo, na situação de isolamento desviando a ideia primeira de performance presencial. Então, durante a experiência, houve vários momentos de estagnação da pesquisa, em que, ao ver o que havia sido gravado, a

artista não obteve identificação e teve dificuldades de abraçar o trabalho realizado e aceitar os atravessamentos no processo previsto anteriormente. Assim como em performances presenciais que nunca são como em seus ateliês a própria metodologia da bricolagem se propõe a ser imprevisível totalmente e assumir o acaso, os riscos, as surpresas. Porém, a estranheza da performer ocorreu ao se ver gravada na obra, algo novo, diferente e atípico para ela. Devido aos prazos para a conclusão deste trabalho, a artista precisou aceitar-se em seu conteúdo e utilizar as cenas para a montagem da videoperformance.

Durante os ateliês, as criações fluíam com muita naturalidade e, quando performava na cena e gravava, o desenrolar corporal não era o mesmo. Esse processo se dava, sobretudo, pela questão de a artista “travar” ao pensar em ser gravada, por isso, nos ateliês, isso não acontecia. Sendo assim, este trabalho foi de grande crescimento também pessoal para a artista.

Para a maioria das cenas, foi necessário um trabalho de preparo físico nos ateliês de criação, pois há cenas nas quais a artista utiliza de movimentações criadas com materiais e objetos diferentes. O trabalho no ateliê era sempre o mesmo para todas as cenas que necessitavam desse tipo de movimentação. No entanto, no ato da filmagem, o corpo sofria das interferências causadas por esses objetos.

Na cena com a areia e com a terra, o granulado dessas matérias causava sensações na artista, sensações estas que acrescentaram valor às movimentações realizadas durante a ação performativa oriundas das sensações experimentadas. Esses grãos, assim como a água de algumas cenas, são muito móveis, conforme o corpo da artista se movimentava, causava uma reação nesses elementos, que por sua vez influenciava na ação pré-concebida em ateliê, transformando a cena em algo novo para a performer.

Figura 13- Seca.



Figura 14- Petróleo.



Essas situações causaram, no primeiro momento, a sensação de perder o controle do que tinha sido planejado, no entanto a artista se permitiu continuar naquele processo até esgotar as possibilidades daqueles elementos, realizando, assim, improvisações além do que havia sido criado em ateliê.

Nos *takes* de filmagem dentro da piscina, o líquido escuro foi composto por um suco de folhas verdes do próprio quintal, após as filmagens, esse líquido foi despejado na horta de casa, sendo assim, a água utilizada foi reaproveitada para regar a terra. Em outras filmagens, onde aparecem areia e terra, os produtos também foram utilizados para a jardinagem na própria residência da artista. Durante todas as filmagens, não foram utilizados produtos nocivos ao meio ambiente; todos foram devidamente reaproveitados, sendo assim, não foram adquiridos materiais de utilidade única para a obra (exceto os pigmentos de maquiagem prata, dourado e preto). O líquido que a performer utiliza no rosto e na boca trata-se de um corante alimentício. O lixo e redes foram encaminhados para a reciclagem através da coleta seletiva realizada pelo município de Erechim/RS.

Figura 15- Lixo escuro.



No *take* em que são retiradas as redes do corpo, ao chegar em uma que estava no pescoço, não foi possível tirá-la em cena, esse fato causou a artista um enorme desconforto, não por se sentir presa e não conseguir se desfazer daquilo, mas por perceber que, se para um humano isso foi difícil, pensando que temos capacidades de lidar com nosso próprio corpo com facilidade, a situação para para um ser que não tem essa capacidade, um ser que depende que pessoas sejam conscientes e disponíveis para ajudá-los, fica ainda mais grave. Isso foi, ao longo de todo o trabalho, o que mais abalou a artista.

Assim como em outros trabalhos da artista, a respiração segue sendo algo pesquisado, pois, em todas as cenas, é realizada uma “ambientação com a respiração” que facilita em se conectar com o espaço, mas mais importante, dá corpo à cena, faz com que a artista tenha fôlego para determinar as situações, sejam elas rápidas ou lentas, as que necessitam ficar sem respirar, ou as que são somente a respiração. A ventilação de ar pelo corpo tona a ação performática possível. Durante o tempo de pesquisa, a artista acabou entrando em contato com o vírus sars-covid19 e isso impactou profundamente na relação com a pesquisa, pois além de ficar mais de dois meses sem entrar em contato com o trabalho e a obra, a relação com a respiração nunca mais foi a mesma, a capacidade pulmonar foi afetada, o que gerou que as movimentações que usaram da respiração também fossem diferentes. A respiração se tornou mais curta e com a sensação de que não é o suficiente para levar oxigênio para cada musculatura envolvida nas cenas, necessitando parar a movimentação, concentrar-se somente na respiração, para só quando ela estiver estabilizada novamente, a artista voltar a movimentação. Isso também entra na

questão de que no momento das filmagens houveram interferências, pois os ateliês foram realizados antes de pegar o vírus, então a relação com o corpo e com a respiração eram diferentes.

## 6.2 DESCRIÇÃO DO PROCESSO E ELABORAÇÃO, CONCEPÇÃO E EDIÇÃO DAS CENAS

Nesta seção, encontra-se os relatos sobre elaboração e concepção de cenas, edições e formulação do site interativo.

Primeiramente, tem-se a ideia inicial do trabalho, que surge quando a artista assiste o filme “Black Mirror: Bandersnatch”, na plataforma de *streaming* da Netflix, na qual, em determinado momento, aparece na tela duas opções e o espectador deve escolher entre uma delas, caso não o faça em um determinado tempo a plataforma escolhe uma das opções a qual foi programada. No momento que é feita uma escolha, o filme segue, porém, aquela escolha vai impactar na narrativa das cenas subsequentes. Após isso, a plataforma oferece mais duas opções de escolhas e a dinâmica vai se repetindo até chegar em um final.

Foi possível perceber, aqui, que todas essas escolhas com cenas diferentes, geram conseqüentemente outros finais, com edições específicas em cada ramificação e com tempo diferente de cada cena. Cada ramificação que provém dessas escolhas tece uma trama de ideias, cenas, edições e roteiro complexo, que demandaram tempo e planejamento em cada detalhe escolhido.

Durante o processo de edição, da videoperformance apresentada neste trabalho, além de cortes e inserção de trilha sonora, foram acrescentadas filmagens em preto e branco em cenas que a artista achava necessário para conversar com o propósito daquele *take*, assim como cenas de trás para frente, chuviscos de televisores, entre outros efeitos. Cada ação, no momento da edição, foi executada para que a obra pudesse ter seus 24 finais de forma que eles conversassem entre si, mas também fossem bem distantes um do outro, tudo em consequência de algumas atitudes que são tomadas como “escolhas”.

A opção das escolhas foi para aproximar o público e mostrar a eles o quanto as atitudes de cada um importa ao meio ambiente. Porém, a escolha de clicar em um botão ou no outro fica incerta sobre o destino que será tomado, pois não está descrito

que tipo de escolha na cena será tomada, assim como também isso pode gerar uma falsa percepção de que o espectador pode interferir e participar da obra, quando, na realidade, ele pode escolher entre duas opções que estão sempre programadas para gerar aqueles resultados, então eles não têm de fato o poder de escolha.

Durante o processo de criação da interatividade e deixar a obra disponível na internet, surgiram diversos problemas, em sua maioria, por questões desse tipo de interatividade não estar muito acessível e devido ao fato de os armazenamentos online terem limitações de espaço, espaço esse que o trabalho ocupava quinze vezes mais e, para suprir essa necessidade, foi reduzida a qualidade dos vídeos. Com isso, é importante destacar a questão de que, além de vários mecanismos tecnológicos não colaborarem com questões de sustentabilidade, ainda tornam a informação e possibilidade restringida a quem pode pagar mais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, exalta-se a compreensão de que as linhas que separam um conceito de outro são muito tênues e que, na maioria das vezes o que mais importa é o que o artista acredita estar fazendo, como ele sente que se encaixa nesses conceitos para absorvê-los e utilizar-se deles para construir sua arte. A videoperformance não se caracteriza conceitualmente assim se ela puder ser feita presencialmente, justamente porque o que a constitui é a performance para a câmera, seguida da utilização das ferramentas tecnológicas.

Dançar/performar para a câmera e ainda continuar performando na edição e criação de roteiros, de como se organizam as escolhas, como estar presente ou não em cena com o vídeo, foi um processo desafiador, não somente por se tratar de algo novo, mas também pelo momento em que a pesquisa se constituiu: a pandemia certamente mudou a maneira como todos se relacionam com as tecnologias, com o corpo, tempo, rotinas e a maneira de enxergar a própria existência. A artista que iniciou este trabalho o encerra sendo uma pessoa completamente diferente e tocada por todos os processos incríveis e difíceis que se passaram durante o ano de 2020. Estar terminando este trabalho e ter concluído uma videoperformance interativa é, sem sobra de dúvidas, uma superação, principalmente ao considerar o tempo que a infecção tomou o corpo da artista absorvendo grande parte de suas energias.

Nesse sentido, a bricolagem possibilitou o entrelaçamento entre os temas que a performer queria trabalhar, compreendendo que intervenções acontecem no meio do percurso, e deixa-las atravessar o corpo e o trabalho traz riqueza de movimentos e sensações que transformam o processo da criação. Assim como manter em mente o lugar onde se quer chegar com a obra, saber qual é o ponto final, realizando passeios em busca de suportes teóricos e práticos para amalgamá-los, faz parte do processo até chegar neste momento.

Acredita-se que trazer um trabalho como este para o campo da dança abre portas para a artista continuar pesquisando nessa área, como também de outras pessoas se interessarem pela construção artística feita aqui. Nesse aspecto, aparece tanto a videoperformance como a questão ecológica e ativista, a transversalidade como opção de mesclar a pesquisa é extremamente importante no momento de falar o que aflige, mas também de posicionar enquanto arte. A dança pode tratar de questões latentes do mundo e que, com ela, as pessoas podem lutar por aquilo que

elas acreditam, podendo defender o meio ambiente a partir da arte. Em suma, a artista acredita que as possibilidades do fazer-dançar-performar são infinitas e que a arte não se limita, mas se transforma a cada instante. Portanto, a performance ativista não é apenas uma obrigação para a artista engajada, mas faz parte de escolhas que aproximam arte-vida imbricadas no fazer prático-teórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVERSA, Paula Carpinetti. **Bricolagem – procedimento artístico e metodológico**. ANPAP, p. 1038-1050, set/out. 2011. Disponível em: <[http://anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/paula\\_carpinetti\\_aversa.pdf](http://anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/paula_carpinetti_aversa.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BORDIN, Vanessa Benites. Artivismo: borrando fronteiras entre vida e arte. **Zona de Impacto**, Rondônia, v. 17, p. 126-135, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.revistazonadeimpacto.unir.br/sobre.html>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CAPELATTO, Igor; MESQUITA, Kamilla. **Vídeodança**. Guarapuava: Unicentro, 2014.

CARDOSO, Juliana. Arte e sustentabilidade: uma reflexão sobre os problemas ambientais e sociais por meio da arte. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 112, p. 31-39, set. 2010. Mensal.

CHAIA, Miguel. Artivismo - Política e Arte Hoje. **Aurora**, São Paulo, p. 9-11, dez. 2007. Trimestral.

CODEVILLA, Fernando Franco. **Vídeo + Performance: processos com o audiovisual em tempo real**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

DUTRA, Lidiane Fonseca. Diálogo entre arte e ecologia através das obras de Tarsila do Amaral e Frans Krajcberg. **Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 12, p. 44-54, 2010.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina Bittencourt. 11. ed. Campinas: Papyrus Editora, 1990. p. 55.

MELIM, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

NEVES, Daniele Quiroga. **Performance e registro**: a produção performática de Cláudia Paim. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

NUNES, Aline. Sobre a pesquisa enquanto bricolagem, reflexões sobre o pesquisador como bricoleur. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**. Santa Maria, v. 7, n.2, p. 30-41, 2014.

PERONI, Nivaldo; HERNÁNDEZ, Malva Isabel Medina. **Ecologia de Populações e Comunidades**. Florianópolis: Ccc/ead/ufsc, 2011.

SOUZA, Isabel Carvalho de. Especificidades da Videodança: o hibridismo, experiência tecnestésica e individualidade no trabalho de jovens criadores brasileiros. **E-Com**, Belo Horizonte, v. 2, p. 1-9, 2008.

